



Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos



A espiritualidade sinodal da Comunidade de Sant'Egidio

Andrea Riccardi, Fundador

O sínodo decorre num tempo totalmente global: todos nós vivemos a pandemia, que bateu à porta de todos, como uma realidade global para além de fronteiras e muros. No entanto, a globalização deu origem a muitos fenómenos de reação: localismo, encerramento, soberania, nacionalismo, racismo. Em suma, processos divisionistas, reações da massificação do mundo global em que vivemos há algumas décadas.

A situação do nosso tempo

Em 1968, quando a Comunidade de Sant'Egidio dava os primeiros passos, o sábio e velho patriarca de Constantinopla, Atenágoras, escreveu: “Ai dos povos, um dia acederem à união fora da teologia da Igreja”. E acrescentou: “Hoje o distante torna-se fisicamente próximo. Precisa de se tornar espiritualmente”. Hoje, imersos no mundo global, no qual o distante se aproxima, no qual as distâncias se encurtam, descobrimos, em vez disso, grandes distâncias espirituais, humanas, culturais e religiosas. As religiões, e o cristianismo nas suas diferenciações, não responderam ao desafio de um mundo unificado em termos de economia, comunicações, informação. Às vezes, as religiões e a espiritualidade correm o risco de abençoar muros e distâncias.

Porque parto desta premissa? O caminho sinodal hoje tem uma missão particular no nosso tempo. A unidade da Igreja Católica, à sua maneira, sempre foi uma globalização: “aquele que vive em Roma sabe que os Indianos são seus membros”¹ – disse João Crisóstomo. A globalização católica não pode ser verticalizada, mas é chamada a compor a riqueza de múltiplas experiências, a fé vivida em diferentes terras e culturas: tudo isto foi demasiado comprimido num modelo institucional (esse modelo leva à autorreferencialidade). Em vez disso, o Senhor enriquece-nos com diversos carismas e abre novos caminhos: a sinodalidade dá voz e carne a esta realidade global e local, carismática e diversificada, fruto do Espírito.

Sant'Egidio e o “nós”

Agradeço, por quererem questionar a experiência cristã de Sant'Egidio, que tem pouco mais de meio século de história, embora viva em diferentes países e culturas. Quero lembrar que nasceu em Roma, no final dos anos 60 do século passado. Neste mundo romano, encontrávamos então uma visão eclesial, institucional e vertical. Mas aconteceu o clima de recepção do Vaticano II, com o entusiasmo de uma Igreja, de um povo e de uma comunidade, de uma Igreja dos pobres, de abertura ao diálogo. Sentimo-nos filhos do Conselho. Outro aspecto é que se viveu, principalmente no mundo dos jovens, no clima de 1968: muito em assembleia, crítico de formas demasiadamente institucionais e delegadas. Somos filhos do nosso tempo: o sonho conciliar da Igreja, que fala com simpatia do Evangelho aos seus contemporâneos; o clima em que nos encontramos juntos, estamos em assembleia, como em 1968, decidimos juntos e conversamos, porque conversar nunca é inútil.

É a experiência do “nós”, agora mais espontânea, hoje mais cansativa numa era de fragmentação e individualismo. O “nós” mergulha na escuta da Palavra de Deus, na oração, na comunhão amigável. Lembramo-nos sempre de Sant'Egidio, os cristãos eram assim chamados em Antioquia, mas nasciam e

¹ João Crisóstomo, Homilia sobre João, 65,1: PG 59,361.

nascem como “discípulos” desde a Galileia. Sem escuta, não se é cristão. Não existe “nós”, mas uma soma de “eu”.

Este “nós” esteve sempre no coração do nosso carisma, consciente da palavra de Jesus: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”. “Nós” é a única Comunidade local que luta contra a sua realidade, mas também a Comunidade, como fraternidade de Comunidade no mundo, ligada por um vínculo de comunhão e corresponsabilidade.

O Papa Francisco, falando de Sant’Egidio, afirmou com uma síntese sua:

“Também a cada um de vós, independentemente da sua idade, é concedido pelo menos um talento. Nele está inscrito o carisma desta comunidade, carisma que [...] resumi com estas três palavras: prece, pobres e paz. Os três “p”. [...] «Caminhando assim, contribuí para fazer prosperar a compaixão no cerne da sociedade — que é a verdadeira revolução, a da compaixão e da ternura, aquela que nasce do coração — para fazer crescer a amizade e não os fantasmas da inimizade e da indiferença»² Prece, pobres e paz: é o talento da Comunidade, amadurecido em cinquenta anos.”³

Viver este talento ou carisma num “nós”: foi favorecido desde os primeiros tempos, devido ao clima pós-conciliar e social em que amadurecemos. Não lhe chamávamos sinodalidade, mas foi praticada desde os primeiros tempos, num necessário clima de família: a amizade não é apenas sentimento, mas atitude humana, moldada pelo Espírito. Jesus chama-nos amigos. Trata-se de um sentido de relacionamento fraterno e corresponsável (o que significa sentir-se respeitosamente responsável pelo outro e não apenas pelos colaboradores de uma obra, próximos nos dias bons e maus), mas antes de tudo na escuta conjunta da Palavra de Deus, luz dos nossos passos, que nos faz superar aquele egocentrismo fácil, ao qual voltamos de vez em quando.

Escutar

A dimensão da escuta é decisiva, partindo da Palavra de Deus ao irmão e à irmã, à pequena ou grande história que nos rodeia, à voz de quem não tem voz, frequentemente os pobres. Ouvir os irmãos envolve também dedicar tempo a comentar, a discernir as diferentes experiências da realidade, bem como a decidir juntos. Penso nos numerosos serviços aos pobres da Comunidade, ou nos encontros com eles, em situações complexas: não é apenas decidir o que fazer, mas compreender juntos. A escuta e a amizade caminham juntas e criam uma consciência comum maior do que a minha. Mesmo os pobres não são utentes dos serviços da Comunidade, mas participam de alguma forma na sua vida, tanto que se confunde quem ajuda e quem é ajudado e, muitas vezes, os próprios pobres passam a ser actores da ajuda. A escuta não pode ser limitada aos membros da comunidade, mas os pobres e outros estão no centro.

O Papa Francisco, em 2014, disse que Sant’Egidio é uma comunidade que ajuda e gera ajuda: “Uma atenção que, lentamente, deixa de ser tal para se tornar encontro, abraço: confundem-se quantos ajudam com os que são ajudados. Quem é o protagonista? Ambos, ou melhor, o abraço!”⁴.

Sem abraço, sem amizade, não há escuta comunitária, que deve alargar-se porque a definição mais adequada que daria de Sant’Egidio, não a jurídica de associação pública de fiéis, mas de uma “comunidade de pessoas”, nas palavras de Martin Buber. Precisamos de ter tempo, escuta, relação, para manter esta realidade unida de forma viva, no intercâmbio, na solidariedade interpessoal. Conscientes de que não é a ideologia nem

² Papa Francisco, Encontro com os pobres da Comunidade de Sant Egidio, 15 de junho de 2014: Ensinamentos II, 1 [2014], 731.

³ Papa Francisco, Basílica de Santa Maria em Trastevere Domingo, 11 de março de 2018, Visita do Santo Padre Francisco à comunidade de Sant’Egidio por ocasião do 50º aniversário da sua fundação, https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2018/march/documents/papa-france-sco_20180311_visita-sant-egidio.html.

⁴ Papa Francisco, Basílica de Santa Maria em Trastevere, domingo, 15 de junho de 2014, Palavras do Santo Padre Francisco durante a sua visita à comunidade de Sant’Egidio, https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140615_comunita-sant-egidio.html.

a metodologia de ação que nos une, mas a escuta da Palavra de Deus que nos torna discípulos e irmãos. Isto não quer dizer que não existam diferentes sensibilidades, diferentes visões, até tensões, que no entanto representam uma riqueza além de serem uma realidade. Isto não perturba a paz. Na verdade, o que muitas vezes perturba a paz é a indiferença.

O mundo torna-se um livro: diversidade e paz

Sant'Egidio está comprometida com o serviço da paz em várias situações em todo o mundo, a começar pela que terminou graças à sua mediação em Moçambique em 1992, após uma guerra que matou um milhão de pessoas. Sabemos a que leva o ódio. Mas não temos medo das muitas inimizades da sociedade e do mundo: a característica peculiar do Cristianismo – como disse um grande santo oriental – é o amor aos inimigos. A inimizade leva à exclusão, ao desprezo pelo outro, à cristalização e ideologização das diferenças.

Mesmo na vida comunitária, nas pequenas e grandes situações, fazemos nosso aquilo que João XXIII ensinava: procurar o que une e deixar de lado aquilo que divide. Com efeito, na vida comunitária, procurando aquilo que une, experimentamos que o que diferencia não divide, mas enriquece. Este caminho desenvolve-se nas assembleias periódicas da Comunidade, nas ligadas à gestão das obras ou dos serviços, porque todo papel de responsabilidade ou serviço à unidade deve estar dentro de “nós” e fazê-lo crescer no discernimento e não na continuidade passiva.

Numa história comunitária, existe o risco de que uma geração mais velha, que até tem méritos, se faça ouvir mais do que as outras. Sempre apelei à Regra de São Bento, que torna o jovem o mais sábio, talvez por ser mais livre: Lemos no capítulo III: “Todas as vezes que deverem ser feitas coisas importantes no mosteiro, convoque o Abade toda a comunidade e diga ele próprio de que se trata. Ouvindo o conselho dos irmãos, considere consigo mesmo e faça o que julgar mais útil. Dissemos que todos fossem chamados a conselho porque muitas vezes o Senhor revela ao mais moço o que é melhor”.

Algumas reflexões: entrar na história

Todavia, devo dizer que numa Igreja sinodal, uma Comunidade sinodal e participativa (na qual cada um está integrado), a “missão” é um aspecto fundamental da vida. Estudei os sínodos italianos do século XX, participei do Sínodo de Roma, tendo presente também os sínodos dos bispos que frequentei, vi a tendência à autorreferencialidade, à discussão dos problemas internos da Igreja, da pastoral, das instituições. O risco de tantos sínodos é a versão introdutória, que produz um livro extra para as bibliotecas. Documentos muitas vezes sem *pathos* (diria o Papa João: sem unção) ou incapazes de se enquadrarem num *pathos* são inúteis.

O verdadeiro modelo do Sínodo é o Concílio Vaticano II – não porque hoje se possa repetir da mesma forma – mas porque foi preparado a partir de uma espera e gerou um espírito e um entusiasmo que envolveram, embora tenha ocorrido em Roma e entre os padres conciliares, o povo de Deus: o primeiro é decisivo, mas sobretudo – como afirma o Oriente – a recepção. A Igreja, cuja identidade e vida interior o Concílio tão eficazmente aprofundou, está inscrita na história. Aqui está o ponto decisivo, *ad extra*: a leitura da história em que caminhamos, a deste mundo global, que parece claro e resplandecente, mas é complexo e contraditório. Sant'Egidio considera que, no exercício de uma vida sinodal, é necessária a contribuição de todos para ler os sinais dos tempos: *Gaudium et Spes* afirma que «é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho» (GS 4). É dever de todo o sínodo, se fala de missão, mas da própria vida dos cristãos, examinar os sinais dos tempos à luz do Evangelho.

Paulo VI disse:

“Uma das atitudes características da Igreja depois do Concílio é a de dar particular atenção à realidade humana, considerada na sua historicidade, isto é, na sua referência aos factos, acontecimentos, os

fenómenos do nosso tempo. Uma palavra do Concílio entrou nos nossos hábitos: a de examinar «os sinais dos tempos»⁵.

E continuou:

“Esta expressão, os «sinais dos tempos» adquiriu, entretanto, um uso e um significado profundo, muito amplo e muito interessante; em suma, o da interpretação teológica da história contemporânea”.⁶

E concluiu

“O mundo torna-se um livro para nós...”.

Para Sant’Egidio, – diria eu – um livro para ser lido e discernido que é colocado ao lado do livro da natureza da memória franciscana e do Livro que é a Palavra de Deus. O mundo torna-se um livro para ser lido e compreendido. Com aquela paixão cristã de olhar a história para discernir o desígnio de Deus, que perdemos um pouco. É o que Giorgio La Pira chamou de “historiografia das profundezas”. A nossa leitura do “livro do mundo” não é a dos políticos, dos intelectuais, mas dos discípulos de Jesus iluminados pelo Espírito. Em Sant’Egidio discernimos juntos, mas sempre com as portas abertas para a história.

A sinodalidade da Comunidade não é um “entre nós”, mas um “nós” ao serviço do Evangelho, dos pobres, do reino de Deus: este primado mostra que há necessidade de todos, livres do egocentrismo e incentiva todos a agirem na história.

⁵ Paulo VI, Audiência Geral, Quarta-feira, 16 de abril de 1969, https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1969/documents/hf_p-vi_aud_19690416.html.

⁶ Ibid.